



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

TAMBÉM A CLASSE TÊXTIL QUER A DEMISSÃO DE SALAZAR

Toda a classe têxtil tem ainda bem presente o seu desejo e esforço com que nas últimas eleições para a Presidência da República se lançou na luta à volta do Sr. General Humberto Delgado, esperando em que Salazar tivesse em conta o desejo dum povo que se levantara em todo o País e, respeitando a vontade da Nação, fizesse eleições com o mínimo de honestidade.

Porém, em vez de atender a voz daqueles que são a razão de ser dum Governo honesto, mais uma vez nos virou as costas, entrou numa repressão desenfreada às comissões de oposição, falsificou ainda mais os cadernos eleitorais e impediu em muitos pontos do País a distribuição das listas do nosso candidato, impediu-nos de copiar os cadernos, e falsificou grosseiramente o apuramento das eleições.

Após as eleições, Salazar, porque se divorciou mais ainda dos interesses da grei e está cada vez mais isolado, suja suas mãos no sangue dos trabalhadores honrados e demais pessoas honestas, desmascarando inúmeras prisões, acobertadas com o espantallo do comunismo.

Salazar, que representa em Portugal os interesses do grande capital nacional e estrangeiro, que coloca as principais riquezas nacionais na mão de países imperialistas, que arrasta o nosso país para uma miséria cada vez mais aguda e conduz uma política contrária aos desejos de Paz do nosso povo, tornou-se odiado por todos e levantou contra si uma onda de indignação e protesto, de Norte a Sul do País, que se concretiza em jornada nacional a exigir A SUA DEMISSÃO E QUE TENHAM LUGAR NO PAÍS ELEIÇÕES HONESTAS,

COM UM CADERNO HONESTO.

O documento de Braga que acaba de vir a público, assinado por 142 indivíduos e que foi enviado pelo Sr. Major Miguel Ferreira, como primeiro signatário, a Salazar a pedir a sua demissão, deve ter o nosso inteiro apoio. Documento idêntico temo conhecimento que acaba de sair também em Lisboa.

Companheiros e companheiras têxteis! A classe operária tem, mais que nenhuma outra, força necessária para impor a sua voz, com o apoio de todas as camadas da população, para que Salazar abandone o Poder.

E nós, têxteis, mais que ninguém, temos necessidade que seja assim.

Por que nossos salários não têm sido aumentados e são cada vez mais baixos em face dum custo de vida que não pára de subir?

Porque Salazar o impede, porque representa os maiores exploradores dos trabalhadores portugueses.

Por que não temos liberdades sindicais, de reunião, de palavra e nossos lares são violados, a ponto de nenhum operário poder dormir descansado?

Porque Salazar, inimigo do povo e de tudo que seja progressivo e belo sente necessidade de amarrar a classe operária de pés e mãos, como principal força que é, para actuar mais à vontade.

Vivemos horas difíceis. O desemprego, a redução dos dias de trabalho e o não cumprimento das magnas regalias que constam do Contrato C. de T., tudo isto, diz Salazar, por a nossa indústria estar em crise. Por que assim é então? Será que as fábricas têm uma produção superior às necessida-

OPERÁRIOS DE SANTO TIROSO protestam contra o desemprego

Há cerca de 2 meses, os têxteis da Figueiredo & Mai — a maior empresa têxtil de S.º Tiroso — concentraram-se junto da gerência, protestando contra a redução da semana de trabalho de 6 para 3 dias.

Nesta empresa estão 400 teares parados e os trabalhadores viram, assim, os seus já magros salários ainda mais reduzidos.

A crise da indústria têxtil nacional — particularmente a pequena e média indústria — é uma realidade realida-de. E porque?

Porque o consumo interno é cada vez mais pequeno, pois os trabalhadores, sem dinheiro, não podem consumir o que produzem.

Porque a exportação portuguesa, batida pela concorrência, vê reduzir-se um a um os mercados tradicionais.

Porque o salazarismo impede as relações comerciais com os ricos mercados do campo socialista, o que permitiria o crescente desenvolvimento desta indústria.

Perante isto, o que deves fazer, companheiros de S.º Tiroso?

A nossa experiência diz-nos que só continuando a luta que já começastes, que só unindo-vos e fazendo novas concentrações junto dos patrões e do Sindicato, pedindo os 6 dias de trabalho e relações comerciais livres com todos os países, conseguireis melhorar a vossa situação. A fome não vos deixará morrer!

UMA CARTA

Com o intuito de desmascarar certos empregados que se julgam e dizem de nós e chamar a classe para a luta em defesa dos companheiros atingidos, se publica a informação que segue, passada numa empresa do Covilhã.

«Na Empresa Transformadora de Lãs, trabalha um casal de operários da Fábrica dos Ingleses do Porto. Só perdeu o companheiro, pegador de fios, ao entrar de turno se dirigiu a sua mulher para dizer que tinha deixado a lanã torcida e obafada no rufo do cama, o encarregado Manuel Antunes Martins, que julga que o mundo é seu e os operários sãoovelhas que só servem para dar o seu corpo ao patrão, porque é cruel e mais fera que muitos feras que se respeitam entre si, sem mais nem menos, vai-se ao pobre homem e dá-lhe mancha torcida que este teve de ser transportado para o hospital da terra onde esteve internado 4 dias.

Cremas que este e outros exemplos mostram que só unidos nos podemos defender e fazer valer os nossos direitos.

(Continua na 2.ª página)

OS SALÁRIOS

podem e devem ser aumentados

Numa classe que conta cerca de 80 mil operários, todos nós, de Norte a Sul, sentimos na própria carne a insuficiência dum salário que mal dá para uma alimentação deficiente, que nos obriga a habitar esbarrados, o mínimo de condições higiénicas, que vivamos cada vez mais endividados e vejamos nossos filhos com fome e mal vestidos.

Nós somos forçados a encarar o dia que surge com maiores apreensões, pois, além da redução da semana e de maior esforço no trabalho que o povo dia nos poderá trazer, nossos salários são cada vez mais insuficientes em face do aumento constante do custo da vida.

Frete a isto, na Covilhã e Tortosendo, a classe, em número de algumas centenas e apoiando-se numa exposição que tinha sido entregue no Sindicato com mais de um milhão de assinaturas, concentraram-se no Sindicato, onde colocou ao Ministro das Corporações a necessidade urgente de aumento de salários de 60 por cento.

O ministro respondeu que os operários tinham razão mas que o aumento dependia do M. da Economia e precisava de ser estudado.

No Porto, um grupo de têxteis foi ao Sindicato pedir aumento, tendo recebido por resposta que o ministro estava a estudar o assunto.

Por toda a parte, quer seja em S. To Tirso, Guimarães, Vila do Conde ou Famalicão, a classe manifesta-se por um aumento de salários que faça frente à carestia da vida.

Nós sentimos quantas dificuldades temos em viver com um salário que há muito está ultrapassado. Mas não basta sentirmos que o salário não chega e que temos direito a outro mais elevado. Nós também sabemos que o aumento é possível. A indústria têxtil é, apesar do atraso industrial existente no nosso País, das indústrias melhor apetrechadas, laborando a maioria das grandes empresas com maquinaria automática ou, em casos em que isso ainda não existe, trabalhando cada operário com o dobro de tarefas que trabalhava há 5 anos. E o nosso salário continua a ser dos mais baixos, autêntico salário de fome que traz grande parte da classe com a saúde arruinada.

Companheiros e companheiras! Pa-

ra que os nossos salários sejam aumentados, três coisas são necessárias. Primeiro, que não cruzemos os braços à espera de promessas que têm por objectivo arrefecer nossa luta. Segundo, que em cada empresa nos unamos à volta de comissões compostas de homens e mulheres. Terceiro, que uma vez unidos, discutamos em cada empresa as formas de luta que a classe aí deve utilizar, que tanto podem ser junto do Sindicato, do patrão ou dos mini-tiros e Assembleia Nacional, através de exposições assinadas pela classe e em que se mencione o aumento pedido.

Nas lutas da nossa classe e outras é actuando assim que têm sido conquistados aumentos de salários e outras regalias.

Foi unidos e lutando que, no espaço de um mês, os camponeses de Alpiarra, ao fazerem greve, conquistaram por duas vezes aumentos de 5,900.

Foi também devido à sua unidade e luta, através da redução da produção, que os estivadores do Porto conquistaram o salário de 56,500.

Os empregados da Carris do Porto acabam de conquistar aumento de salários, porque persistiram na luta, unidos e firmes.

A luta é também o caminho escolhido pelos 700 metalúrgicos de Braga, ao concentrarem-se, em Fevereiro, no seu Sindicato, exigindo 50 por cento de aumento de salários.

Na nossa classe também é possível o aumento dos salários. Não é por acaso que o Governo, através do ministro das Corporações, nos responde com promessas, embora estas sejam vãs. E que eles sentem a nossa força e a sua fraqueza frente à acção da classe operária no País inteiro, que luta para atingir o mesmo objectivo. É, porque o custo de vida sobe constantemente, devemos pedir que o aumento seja de escala móvel, isto é, que nos seja dado aumento sempre que o custo de vida suba.

Se dermos à nossa classe a consciência disto e os operários mais esclarecidos e combativos não esperarem que o aumento nos seja oferecido e unirem os companheiros em suas empresas para assestarem formas concretas para exigir o aumento, este será um facto e corresponderá ao actual custo de vida.

DEMISSÃO DE SALAZAR

(Continuação)

des do nosso povo? Não. Há crise de produção, porque Salazar não consente que ganhemos mais, para comprar mais, ao mesmo tempo que impede os industriais de venderem seus produtos a todos os países, sem excepção.

Eis porque se impõe que a classe operária, e entre ela a classe têxtil, se lance na luta com toda a sua força e entusiasmo com a caracterização durante as últimas eleições, exigindo a demissão de Salazar.

Apoiando os pedidos feitos nos documentos de Braga e Lisboa, apresentados por centenas de democratas, devemos, numa folha de papel de 35 linhas, assinar em massa, homens e mulheres, operários e camponeses, a demissão de SALAZAR. Outras formas, como envio de cartas, colocação de cartazes e legendas nas paredes e estradas, pedindo a demissão de SALAZAR, devem ser largamente utilizadas.

Salazar não poderá continuar a governar contra a vontade do povo.

Se a classe operária, que ainda após as eleições, deu provas da sua força, ao ir para a greve em vários pontos do País, der o melhor da sua acção nesta campanha, Salazar terá efectivamente que abandonar o Poder.

No sentido de facilitar, publicamos a seguir um texto que pode servir para larga recolha de assinaturas, em papel de 35 linhas:

Os abaixo-assinados, pacíficos cidadãos do distrito de.....
...apoiam inteiramente o pedido de demissão do Senhor Presidente do Conselho de Ministros, formulado no documento dirigido por 142 individualidades «AOS PORTUGUESES», do qual é primeiro signatário o Senhor Major Miguel Ferreira, e datado de Braga, 14 de Janeiro de 1959, para bem dos interesses e da concórdia nacional.

A BEM DA NAÇÃO

Assinam:

COMPANHEIRO!

Le e dá a ler «O TÊXTEL»! Mandar-nos informações do teu fábrica e dir-nos o que pensas do nosso jornal.

Angaria fundos para que «O TÊXTEL» possa continuar a cumprir a sua missão, que é orientar e defender os operários têxteis.